



BOLETIM DE COMÉRCIO EXTERIOR DA BAHIA OUTUBRO 2025

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Outubro 2025, 3

Importações, 7

Apêndice A – Outubro 2025

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Outubro 2025

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela V – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países por produtos exportados
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XVI – Importações baianas – Principais países por produtos importados



Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Kailan Matos Pereira (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte

Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

Revisão Ortográfica

2Designers

Editoração

Alderlan Oliveira

Mesmo estabelecendo seu recorde mensal em 2025 (US\$ 1,03 bilhão), as exportações baianas não conseguiram superar o resultado de igual mês de 2024, tendo registrado recuo de 16,4% no comparativo interanual. Houve recuo expressivo do volume embarcado (quantum), de 17,6% no mês, enquanto que os preços tiveram melhora e subiram em média 1,4%.

Concorreu para o desempenho negativo, além da redução da demanda externa, a queda das vendas para os EUA, de 60,8% em valor e de 65% em volume, em razão das tarifas aplicadas pelo país norte-americano e seus efeitos. O aumento das vendas para a China (23,7%, principalmente de soja), Canadá (147,0%, ouro/níquel) e Índia (178,1%, algodão) ajudou a amenizar, mas há incerteza para os próximos meses, porque não se sabe os efeitos das negociações sobre tarifas entre a China e os Estados Unidos, que podem afetar os embarques de soja ao país asiático, embora a maior parte da safra já tenha sido embarcada.

Em outubro, a agropecuária foi o único setor a apresentar crescimento, comparado ao mesmo mês do ano passado, em 21,4%. Os demais setores apresentaram queda: a indústria extrativa caiu 47,4% e a indústria de transformação contraiu em 38,7%.

No acumulado de janeiro a outubro, em relação ao mesmo intervalo do ano anterior, as exportações baianas caíram 3,7%, totalizando US\$ 9,54 bilhões. As importações, por sua vez, somaram US\$ 8,07 bilhões, também acusando recuo de 13,0%. O saldo no período foi positivo em US\$ 1,46 bilhão.

Com a melhora recente dos preços das *commodities*, foi possível, no acumulado do ano até outubro, uma continuidade das exportações no seu atual patamar (aumento de 3,74% em volume), apesar do aumento das barreiras ao comércio mundial. Isso se deve à expansão da safra agrícola, estimada em 12,8 milhões de toneladas, com aumento de 12,3% em relação ao ano passado, e ao boicote chinês à soja americana.

**Tabela 1 – Balança comercial – Bahia
Jan.-out. 2024/Jan.-out. 2025**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %
Exportações	9.905.910	9.536.445	-3,73
Importações	9.283.241	8.073.712	-13,03
Saldo	622.669	1.462.733	134,91
Corrente de comércio	19.189.151	17.610.157	-8,23

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 nov. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Apesar da forte queda das exportações baianas para os EUA, em outubro, pós tarifaço imposto pelo presidente Donald Trump, a Bahia conseguiu redirecionar suas vendas externas para outros mercados. Houve aumento das exportações para países asiáticos, como China, Índia e Bangladesh, e para vizinhos e parceiros das Américas, incluindo Canadá, Chile, Uruguai e Bolívia, num movimento que ajudou a compensar as perdas provocadas pelas tarifas norte-americanas.

No mês, os principais parceiros de exportação da Bahia permaneceram China, Canadá, União Europeia, Estados Unidos e Argentina. No entanto, a participação das vendas para os EUA no total exportado pelo estado caiu de 9,2%, em outubro de 2024, para 4,3% no mesmo mês de 2025, o pior desempenho entre os dez maiores mercados analisados. Em sentido oposto, por exemplo, a fatia destinada à China avançou de 31,5% para 46,7% do total.

O déficit comercial com os Estados Unidos também se ampliou. Entre agosto e outubro de 2025, o saldo negativo atingiu US\$ 4,7 bilhões, valor 341% superior ao observado no mesmo intervalo de 2024, refletindo em parte o impacto das tarifas mais altas. As importações cresceram 9,5%, impulsionadas pela demanda por bens industriais, enquanto as exportações recuaram 24,9% em razão da queda nas remessas de bens de capital.

Os dados mostram capacidade de redirecionamento bem grande dentro da exportação dos produtos atingidos. O agregado reflete mais os produtos com maior peso, parte importante deles relacionada a atividades de início de cadeia produtiva e que dependem menos dos Estados Unidos. Isso, porém, não tira o problema de alguns produtos e setores, principalmente dos mais expostos ao mercado americano, principalmente a celulose, que, por um período difícil globalmente, com preços atuais completamente insustentáveis, refletindo

um desequilíbrio estrutural que ameaça a sobrevivência de parte da indústria. O setor é o maior segmento de exportação da Bahia para o mercado americano.

No geral, a competitividade da Bahia em produtos de início de cadeia consegue contornar a situação mais facilmente. Mas aqueles que possuem um grau de processamento maior e que por isso estão mais expostos às deficiências de competitividade do nosso ambiente econômico têm mais dificuldade de fazer esse processo de caminhar. Mas é sempre importante fazer a ponderação que há outros fatores envolvendo, como questões específicas de cada produto. Existem itens que enfrentam um crescimento global limitado, o que dificulta também o redirecionamento.

É bom ressaltar, também, que esse movimento de retração não se deve apenas ao tarifaço. Mesmo

produtos que não foram tarifados e seguem com imposto zero também sofreram queda nas exportações, possivelmente um sinal de arrefecimento da própria demanda americana. É o caso dos combustíveis, assim como a celulose.

Apesar do cenário de resiliência do comércio global, haverá mudanças permanentes no padrão se as tarifas permanecerem no longo prazo. Além disso, a política comercial dos EUA se tornou errática, e isso impulsionou a cooperação internacional em outras partes, como, por exemplo, no acordo comercial entre Mercosul e União Europeia. Por outro lado, as tensões geopolíticas e as consequências da pandemia também afetam o comércio internacional. As empresas agora tentam reduzir sua dependência de longas cadeias de suprimentos ou de certos países. Isso pode levar a um crescimento comercial global mais lento.

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-out. 2024/Jan.-out. 2025

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Segmentos	Peso (ton)		Var. %	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2024	2025		2024	2025			
Soja e Derivados	5.807.893	6.175.716	6,33	2.535.627	2.438.875	-3,82	25,57	-9,54
Petróleo e Derivados	3.329.414	3.115.154	-6,44	1.955.119	1.555.579	-20,44	16,31	-14,96
Papel e Celulose	2.553.466	2.539.411	-0,55	1.286.095	1.093.740	-14,96	11,47	-14,49
Metais Preciosos	634	527	-16,85	602.359	863.470	43,35	9,05	72,41
Algodão e seus Subprodutos	379.444	424.509	11,88	690.450	680.460	-1,45	7,14	-11,91
Químicos e Petroquímicos	527.747	453.190	-14,13	744.612	573.280	-23,01	6,01	-10,34
Minerais	469.568	770.661	64,12	566.758	523.784	-7,58	5,49	-43,69
Cacau e Derivados	38.012	39.873	4,89	357.014	480.427	34,57	5,04	28,29
Café e Especiarias	71.600	70.756	-1,18	250.524	414.234	65,35	4,34	67,32
Metalúrgicos	130.953	152.382	16,36	194.608	188.317	-3,23	1,97	-16,84
Frutas e suas Preparações	137.551	165.731	20,49	201.137	191.689	-4,70	2,01	-20,90
Borracha e suas Obras	26.181	24.885	-4,95	147.888	140.431	-5,04	1,47	-0,10
Sisal e Derivados	45.542	51.912	13,99	56.742	68.396	20,54	0,72	5,75
Calçados e suas Partes	2.013	2.047	1,69	74.251	64.499	-13,13	0,68	-14,57
Couros e Peles	17.618	28.799	63,46	44.148	43.129	-2,31	0,45	-40,24
Carne e Miudezas Comestíveis	8.035	8.692	8,18	28.536	35.608	24,79	0,37	15,35
Fumo e Derivados	1.038	920	-11,39	25.101	25.263	0,65	0,26	13,58
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	4.316	1.834	-57,51	44.987	25.664	-42,95	0,27	34,27
Milho e Derivados	54.837	92.833	69,29	11.382	19.853	74,43	0,21	3,04
Demais Segmentos	100.494	99.867	-0,62	88.515	109.736	23,97	1,15	24,75
Total	13.706.359	14.219.699	3,75	9.905.910	9.536.445	-3,73	100,00	-7,21

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 nov. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

O setor de soja e derivados, em função da expansão da safra teve aumento nas suas exportações no ano em 6,3% no volume e queda de 3,8% no valor, em função de problemas conjunturais. Além de amargar preços menores este ano, sofre com o aumento dos custos de produção, que já se aproximam dos picos registrados em 2022, ano marcado por choques logísticos e pela guerra entre Rússia e Ucrânia.

A alta nos preços FOB (Free on Board) dos insumos (principalmente fertilizantes) no mercado global se reflete diretamente nas lavouras, que dependem fortemente de importações para abastecer sua demanda. Os fertilizantes representam de 25% a 30% do custo operacional agrícola no país. A recente valorização dos preços internacionais, portanto, tem impacto direto na rentabilidade do exportador.

Os embarques no ano foram, em sua maior parte (79,2%), para a China, na medida que o país asiático e os EUA ainda não tinham chegado a um acordo comercial. Com isso, o estado exportou volumes elevados de soja ao país (3,9 milhões de toneladas), em um momento em que sazonalmente as vendas americanas à China costumavam tomar a dianteira.

As exportações de derivados de petróleo tiveram queda de 6,4% em volume e de 20,4% em valor no ano, até outubro, resultado da queda de preço do petróleo no mercado internacional. O mercado global de petróleo atravessa um novo ciclo de excesso de oferta, que deve ter efeitos duradouros nas cotações internacionais do produto.

Segundo a AIE (Agência Internacional de Energia), a produção global chegou a 108 milhões de barris por dia em setembro, impulsionada pelo aumento de produção em países da Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e em alguns países fora do grupo, como Estados Unidos e Brasil.

O consumo, porém, cresce em ritmo bem abaixo da média histórica, o que levou o mercado a um superávit de 1,9 milhão de barris por dia desde o início do ano. O cenário tem provocado acúmulo de petróleo em tanques e navios, com os estoques globais atingindo, em agosto, o maior nível em quatro anos, 7,9 bilhões de barris.

Já o setor de papel e celulose teve leve queda nos embarques até outubro (-0,55%), mas as receitas continuam em declínio (-15%), devido à desvalorização nos preços.

O setor respondeu por 11,5% das exportações baianas no ano. Segundo a Suzano, maior empresa exportadora do setor na Bahia, cerca de 15% da capacidade global de produção de fibra curta opera atualmente abaixo do custo de caixa, sendo os produtores europeus os mais afetados pela crise, e cortes na oferta se tornaram inevitáveis após 13 meses consecutivos de preços inferiores a US\$ 600 por tonelada.

Embora o consumo chinês demonstre sinais de recuperação, o movimento é gradual e ainda há espaço para reajustes de cerca de US\$ 20 por tonelada nos próximos meses. A Suzano projeta “ajustes mais significativos do lado da oferta” nos próximos trimestres, diante do avanço dos custos de madeira, de novas restrições ao uso de fibras recicladas na China e da falta de rentabilidade nas fábricas da Europa e da América do Norte.

É bom destacar que, em setembro, em ordem executiva do governo Trump, o país norte-americano retirou a tarifa de 10% sobre a celulose importada pelos Estados Unidos. A decisão beneficiou a indústria baiana, que exportou 347 mil toneladas do produto para o país no ano passado.

A celulose já estava isenta da sobretaxa de 40% imposta pelo governo Trump a outros produtos brasileiros. Em setembro, passou a estar liberada também da chamada tarifa recíproca de 10%. Estão incluídas na isenção três descrições de celulose. Ainda continuam válidos os 50% aplicados a papéis em geral e painéis de madeira.

Os metais preciosos ocupam a quarta posição entre os maiores setores da pauta de exportação baiana em 2025, basicamente devido ao aumento dos preços do ouro. O metal ultrapassou os US\$ 4.000 por onça pela primeira vez em outubro, estendendo uma alta que elevou os preços em quase 50% desde o início do ano.

Investidores institucionais, bancos centrais e indivíduos têm adquirido o ativo de “porto seguro”, alimentando uma tendência de alta nos preços que normalmente sinaliza incerteza econômica. A mais recente sequência de recordes do ouro coincide com a paralisação do governo dos Estados Unidos, que começou em 1º de outubro.

Já o algodão registrou aumento nos embarques em 12,0%, não compensados pela receita, que recuou 1,4%, também fruto da desvalorização porque passam as *commodities*. Seguindo a desvalorização mundial das *commodities*, o algodão registrou queda de 12,0% em seus preços médios no acumulado do ano, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Os embarques, em quase sua totalidade, tiveram como destino a Ásia, com o Paquistão absorvendo 19,7% das compras, seguido por Bangladesh (15,7%), China (14,2%) e Vietnã (13,0%) como os quatro maiores destinos.

Segundo maior produtor de algodão do país, a Bahia, responsável por 18,3% da safra nacional, atrás apenas do Mato Grosso (73,0% da safra nacional), tem produção estimada em 1,79 milhão de toneladas, o que representa aumento de 1,4% em relação ao ano de 2024. A área plantada com a fibra aumentou em 5,3%, alcançando 400 mil ha em relação à safra de 2024.

As importações somaram US\$ 770,9 milhões em outubro, com queda de 19,3%. As menores compras de combustíveis (-58,8%) ditaram o desempenho no mês, repetindo o comportamento de setembro. Os bens intermediários mantiveram crescimento pequeno, de 3,5%, acompanhando o ritmo da produção industrial. As compras de bens de capital cresceram 102,7% e as de consumo 186,3%, impulsionadas pela importação de veículos, máquinas e equipamentos, produtos químicos e de produtos eletrônicos.

No acumulado até outubro, o cenário se repete com as importações em menor ritmo, com recuo de 13,0% no comparativo interanual, principalmente de combustíveis. As compras de bens intermediários (insumos e matérias-primas) acusam avanço modesto de 2,7%, alcançando US\$ 4,7 bilhões. Mas, ainda assim, estamos importando em um nível robusto ainda, de US\$ 467,5 milhões mensais, o que é um patamar razoável para um setor que enfrenta diversos desafios e dificuldades.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-out. 2024/Jan.-out. 2025
(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	4.551.667	4.675.735	2,73	57,91
Combustíveis e lubrificantes	4.200.886	2.411.642	-42,59	29,87
Bens de capital (BK)	399.776	689.998	72,60	8,55
Bens de consumo (BC)	130.001	291.079	123,90	3,61
Bens não especificados anteriormente	911	5.258	477,00	0,07
Total	9.283.241	8.073.712	-13,03	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 nov. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI)

As compras externas seguem com os EUA na liderança com 29,0% de participação, mas com queda de 9,3% comparadas ao mesmo período de 2024. A destacar as vendas da China que já se posiciona como segundo maior país fornecedor ao estado em 2025, com desembolsos de US\$ 1,3 bilhão, 67,7% superior no comparativo interanual (células fotovoltaicas, veículos, fertilizantes e máquinas e equipamentos). As compras com origem da Rússia caíram 49,2% no ano contra igual período de 2024, com menores desembarques de diesel e nafta. Já para os fertilizantes, o país segue como principal fornecedor ao estado, com desembolsos no ano de US\$ 220 milhões e crescimento de 18,0% no comparativo interanual.

